

Antonio Saez Delgado: habitar o “entre-deux”¹

Antonio Sáez Delgado: living in the “entre-deux”

Antonio Saez Delgado
Universidade de Évora
asd@uevora.pt

Antonio Sáez Delgado (Cáceres, 1970), professor da Universidade de Évora, é um intelectual que se encontra particularmente bem posicionado para falar dos caminhos do lirismo na Península Ibérica, uma vez que tem desenvolvido um importante trabalho como estudioso das relações literárias entre Portugal e Espanha em princípios do século XX, com vários livros e artigos: *Pessoa y España*, 2015, *Almada Negreiros en Madrid*, 2017 (com Filipa Soares), *De espaldas abiertas. Relaciones literárias y culturales ibéricas (1870-1930)*, 2018 (com Santiago Pérez Isasi), *Literaturas entrelazadas. Portugal y España, del modernismo y la vanguardia al tiempo de las dictaduras* (2021). É crítico literário (publica no suplemento cultural “Babelia”, do jornal *El País*), ensaísta e tradutor de autores como Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, José Saramago, António Lobo Antunes, José Gil ou José Luís Peixoto. Recebeu o prémio Gionvanni Pontieri (2008, tradução) e o Prémio Eduardo Lourenço (2014, Centro de Estudos Ibéricos). Comissionou a exposição “Suroeste. Relações Literárias e Artísticas entre Portugal e Espanha 1890-1936” (MEIAC, 2010) e, com Jerónimo Pizarro, “Fernando Pessoa em Espanha” (Biblioteca Nacional de Portugal, 2013, Biblioteca Nacional de Espanha, 2014). É diretor da revista literária *Suroeste*, também consagrada às literaturas ibéricas. Possui uma obra poética composta por títulos como *Miradores* (1997), *En outra patria* (2005) ou *Yo menos yo* (2012). Residente em Badajoz, desloca-se entre Espanha e Portugal e as suas viagens, refletidas em alguns poemas, revelam que é possível

¹Entrevista realizada en el marco del proyecto «La imagen de Portugal en Extremadura» (IB18038), subvencionado por la Junta de Extremadura y la Unión Europea a través de los Fondos Feder para el Desarrollo Regional. Otra manera de Hacer Europa.

habitar o “entre-deux”, um espaço de fronteira que sente como um meio perfeitamente natural.

Luísa Leal: Antonio Saez Delgado: estudioso, tradutor e poeta. Começemos pelo fim.

Antonio Sáez Delgado: Custa-me muito falar como poeta, porque já nem sei se sou poeta. Há algum tempo que não escrevo. Enquanto académico, ensaísta e tradutor continuo muito ativo, mas essas duas partes foram engolindo o poeta.

Luísa Leal: Mas quando escreve poesia, também vai buscar essas facetas, num dos seus livros de poesia encontram-se reflexões sobre a tradução, por exemplo...

Antonio Sáez Delgado: Eu não sinto que haja uma diferença radical entre um trabalho e outro. É evidente que há, mas sinto que dentro de mim existem vasos comunicantes, os dos físicos, ou dos químicos. Quando escrevo poesia, tenho presente o conjunto de leituras que fiz ao longo da vida e como muitas delas foram académicas, o âmbito académico acaba por estar presente. Também sou um grande defensor da tradução enquanto forma de escrita. Talvez tenha ido escrevendo menos poesia à medida que fui fazendo mais traduções. A tradução foi uma maneira de me livrar de alguns dos fantasmas e das questões que me faziam escrever poesia. Posso mesmo dizer que abandonei textos que estava a escrever pelo facto de ter traduzido outros. Não por preguiça, mas porque achava que já estava a dar tudo nos textos que traduzia. Posso citar um caso muito concreto, *Morreste-me*, de José Luís Peixoto, um dos primeiros livros que traduzi. Estava, naquela altura, a atravessar uma situação pessoal semelhante àquela que Peixoto relata no livro dele. Eu estava, em paralelo, a escrever um livro sobre um tema clássico da literatura, a morte do pai. E, quando apareceu a hipótese de traduzir aquele livro de Peixoto, que eu já tinha lido, senti que era, nitidamente, o livro que eu queria escrever. A homenagem ao pai, essa relação com o pai falecido, ficava encerrada com a minha tradução desse livro. Livrei-me de escrever um livro através da tradução de outro livro. Sinto que existe uma relação muito estreita sobretudo entre a escrita de poesia, no meu caso, e a tradução. São áreas muitíssimo semelhantes, com muitas coincidências, e realmente penso que o tradutor também está a escrever. Dou aulas de Tradução e é claro que a tradução tem uma parte académica, científica, linguística, mas tem também outra parte que é trabalho manual, trabalho de escritor. O escritor escreveu um texto e o tradutor também escreve um texto, que é

o que o leitor vai ler. O leitor não terá acesso a outro texto que não seja esse e a ideia que tenho da escrita e da tradução é que são duas áreas muito complementares.

Luísa Leal: Estamos a falar de tradução literária. Quem são os tradutores literários mais competentes? Os poetas? Os escritores? Quando mencionou José Luís Peixoto, sublinhou a empatia com um escritor que viveu uma experiência semelhante...

Antonio Sáez Delgado: Esse é um assunto muito complexo e que até está na moda. Foi alvo de recente polémica pública a questão de saber se um tradutor, pela cor da pele, consegue ser mais sensível a umas temáticas ou outras, a uns autores ou outros. Eu penso que o tradutor é uma espécie de ventríloquo, tem de imitar as vozes sem mexer os lábios, sem que o leitor veja ou sinta que está a ler uma tradução. De acordo com isto, não vejo em princípio requisitos fundamentais, penso que há bons tradutores e tradutores menos bons, ou melhor, há boas traduções e traduções que não são tão boas e não é obrigatório ser um poeta para fazer uma excelente tradução de poesia – provavelmente ajuda, em muitos casos, mas não me parece um requisito indispensável porque há muitas traduções que não são feitas por poetas, por exemplo dos clássicos greco-latinos... Os clássicos são traduzidos por especialistas e contam com excelentes traduções. O que é necessário para traduzir é ser um grande leitor e quando estamos a traduzir poesia é indispensável que haja, dentro do tradutor, um leitor de poesia. É necessário ter essa música dentro da cabeça, essa sensibilidade para a linguagem poética, mas há tradutores que não a têm porque não são leitores habituais de poesia. A poesia possui códigos diferentes e exige uma espécie de respiração própria. O tradutor tem de saber fazer isso, para além de dominar as condições métricas e da técnica, tem de ter uma respiração profunda dentro de si e saber como funcionam os textos, como funciona a dicção em voz alta e quais são as estratégias da poesia.

Luísa Leal: Quando iniciou esse tipo de leitura? E quando começou a pô-la em prática como tradução? Que autores traduziu, quais o entusiasmaram?

Antonio Sáez Delgado: Comecei nos anos noventa a fazer traduções para revistas. Fiz imensas traduções para uma revista que se chamava *Canal* e que se fazia em Abrantes, uma revista em espanhol e português e que contou com a colaboração e a cumplicidade da editora Renacimiento, de Sevilla, do Abelardo Linares. Fiz muitas traduções soltas de poemas, contos... Se calhar fiz trinta ou quarenta. Traduzi um

conto de João de Melo, muitos poetas portugueses das últimas gerações e isso foi uma espécie de treino muito interessante. Depois dei uma espécie de pulo e entrei nas editoras, no mundo da tradução já de livros. O primeiro volume que traduzi foi uma antologia de um poeta experimental português de Abrantes, através da ligação à revista *Canal*. Fiz a antologia e a tradução e a obra foi publicada em Portugal, mas não em Espanha. Depois traduzi o livro de Peixoto, *Morreste-me*. A partir daí, fui traduzindo primeiro textos de pessoas mais próximas e depois começaram a chegar pedidos. Pelo facto de ter outro trabalho, posso, felizmente, escolher os livros que me interessam e se tenho uma proposta de Lobo Antunes, Saramago, Pessoa ou Peixoto, que são os autores com que mais trabalho, entro na dinâmica de traduzir esses livros, sem cair na tentação de ser tradutor a tempo inteiro, porque a tradução absorve imenso. Costumo dedicar uma hora diária a traduzir, de segunda a domingo, todos os dias, salvo quando estou em viagem. Isso permite-me traduzir um ou dois livros por ano e é exatamente o que pretendo fazer.

Luísa Leal: A tradução tem, então, um espaço fixo na sua vida. E tem roubado um pouco o espaço do poeta, fazendo de si, atualmente, um poeta com pontos de interrogação em relação à sua escrita.

Antonio Sáez Delgado: Sim, o tradutor e o académico, porque a carreira académica, à medida que se avança, é mais e mais exigente e eu tento fazer as coisas com coerência, o que me absorve muito. Essas duas partes foram devorando o poeta até ao ponto em que, digamos, só escrevo esporadicamente. Mas não sinto isto como um drama porque, por um lado, a tradução preenche esse buraco da expressão e da construção de palavras. Quando escrevo, ou quando escrevia, interessava-me muito o trabalho do texto. Nunca fui um autor de grandes ideias, nunca me apareceu o argumento para um romance. Era, ou sou, talvez, um poeta de pequenos instantes, de pequenas emoções, de pequenas circunstâncias da vida... E, a partir daí, trabalho a linguagem no sentido, sobretudo, da depuração formal. Corrigia obsessivamente os meus textos e corrigir é sinónimo de riscar. Os livros que, numa primeira versão, podiam ter cem páginas, depois ficavam em trinta ou quarenta. Elimino imenso porque penso que, como dizia Vicente Huidobro, "o adjetivo que não dá vida, mata". Aliás, não apenas o adjetivo, tudo o que não dá vida a um texto, mata. Realmente tentava chegar ao mais elementar, essencial, chegar àquilo que é o miolo da questão e o miolo da linguagem. Nunca fui um poeta minimamente barroco, sempre tentei escrever de uma maneira simples,

talvez porque assim é a poesia que mais gosto de ler, aquela que está mais diretamente vinculada à vida de um escritor. Gosto da poesia que é como um espelho, onde nos podemos ver. Se o espelho está cheio de cabelos com caracóis ou bigodes, não consigo ver-me. Gosto que o poema seja um objeto sobretudo simples, mas que essa simplicidade esconda a maior profundidade possível.

Luísa Leal: Referiu um importante cruzamento entre a escrita poética e a biografia. Nos seus poemas encontramos memórias de infância, da passagem da fronteira com a família, uma poesia íntima realmente interessante. Entre *Miradores* (1997) e *Yo menos yo* (2012) há constantes temáticas como a memória, mas também a geografia, o espaço, a fronteira, os dois países...

Antonio Sáez Delgado: Para mim a poesia era – e não sei se continuará a ser – uma maneira de me conhecer a mim próprio e de explicar certas coisas. Tento ser uma pessoa muito rigorosa no trabalho, mas depois, na minha vida pessoal, por vezes sou muito distraído e tenho a impressão de que quase sempre acabo por compreender as coisas muito tempo depois de elas se passarem. A escrita e a poesia servem para voltar a compreender as coisas e tentar encontrar explicações para coisas que têm a ver com a minha vida. Nunca tenho ideias para escrever ou raramente tenho ideias, isto é, tenho ideias para uma coisa concreta, mas não para um argumento. O único argumento que possuo é a minha experiência, as coisas que me aconteceram ao longo da vida e portanto foi sobre elas que escrevi: a minha infância, a minha família, os que já passaram e também os que ainda cá estão, os meus filhos, a minha mulher... E sobre amores e desamores. Escrevi sobre geografias porque, nesta “estranha forma de vida”, neste estar entre dois países, encontrei realmente a minha pátria, esse sentido de pertença a um espaço que não é o espaço habitual das pessoas que vivem apenas num país. Isto são coisas que acabam por estar sempre presentes na minha escrita porque são os únicos argumentos que tenho. Gosto também de ler literatura e poesia que têm que ver com essa presença do eu como testemunha da vida, o eu como objeto; o título do último livro tem a ver com a possibilidade de chegar a conhecer esse eu.

Luísa Leal: Outro tema, ou presença, são os amigos, os poetas, escritores, há muitas histórias de relações com escritores.

Antonio Sáez Delgado: Para mim, a literatura (os livros, mas também os autores) inspira-me uma imensa gratidão porque foi através da literatura que consegui ser a pessoa que sou – não quero dizer com isto

que eu seja alguém! –, foi a literatura que me construiu. Tive um avô que todos os domingos juntava os netos e começava a ler. Naquela altura, isso não nos parecia muito simpático porque éramos muito miudinhos. Mas depois percebi que deixou alguma semente. E a partir daí começou uma relação estreita com a literatura: enquanto leitor, primeiro, depois enquanto escritor, tradutor, professor... Conheci vários países graças à literatura, conheci pessoas interessantíssimas, escritores que muito me ensinaram e, sobretudo, conheci, dentro da literatura mas também fora, pessoas muito boas, no sentido que Antonio Machado utiliza para esse termo. E quando uma pessoa encontra uma boa pessoa num âmbito do qual gosta muito, como é a literatura, sente-se duplamente reconfortada. Alguns dos meus melhores amigos fazem parte desse mundo.

Luísa Leal: Na sua obra poética observa-se uma dimensão ética que tem que ver com amizade e com família. Mas passemos à parte do estudioso. Como desenvolveria o seguinte eixo: “Badajoz-Cáceres, o mundo”? Como vê os caminhos do lirismo na Península Ibérica?

Antonio Sáez Delgado: O que sempre tentei enquanto académico, investigador, foi fazer um trabalho coerente. Admiro imenso as pessoas que conseguem trabalhar sobre o século XV ou XVI e também trabalham sobre o século XIX, mas para mim é muito complicado. Quando comecei a estudar as relações literárias entre Espanha e Portugal no início do século XX, não havia muitos estudos e fui encontrando, desenterrando muita coisa. Chegou uma altura em que compreendi que tinha perante mim provavelmente o trabalho de toda uma vida académica, porque havia muita coisa para fazer, imensos autores... E continua a haver. Já fiz o doutoramento há vinte e três anos, mas continuo cheio de projetos e de autores que aguardam a sua vez para serem desenterrados. Faço por vezes saídas deste tema para entrar na literatura contemporânea, que também me interessa muito, mas tento ser-lhe sempre fiel e compreender cada vez mais aquilo que no início da minha carreira académica eram apenas relações entre Lisboa e Madrid – sempre com um pé em Cáceres ou Badajoz, como é natural, porque também gosto de ler aquelas coisas que fazem os meus amigos e as pessoas que estão à volta. Mas aquilo que, no início, do ponto de vista académico, não era mais do que tentar encontrar vínculos entre Lisboa e Madrid, com a passagem dos anos foi-se transformando numa teia diferente. Agora já não é Lisboa-Madrid, já não é apenas um mapa radial, é um mapa diferente. Existem grandes polos de força, de energia... E há muitos. Uma vez que já mais ou menos consegui traçar

as linhas básicas, mais importantes, das relações de autores espanhóis e portugueses no âmbito do simbolismo e do modernismo, penso que é chegada a vez de fazer uma leitura dessas relações num contexto mais amplo do que o da Península e cada vez sinto mais a necessidade de compreender a Península como uma espécie de campo de força no contexto de uma literatura mundial. Aquilo que no início eram apenas dois polos muito bem definidos, acabou por construir uma dimensão mais líquida, mais horizontal. E agora estou muito vocacionado para esse trabalho, muito metido nesta dimensão ibérica, tentando compreender como se articulam as relações de hegemonia literária dentro da Península e como existem diversos focos de poder. A perspectiva que articula relações entre literatura e ideologia interessa-me muito.

Luísa Leal: Desenvolveu, recentemente, no VII Congresso Internacional da SEEPLU, “Imagens, paisagens e discursos na fronteira”, conceitos como os de centro e periferias, de cosmopolitismo, aplicando-os ao caso das relações entre a literatura extremeña e Portugal. Se quiser recuperar ideias como a de Portugal como fator de cosmopolitismo...

Antonio Sáez Delgado: Essa é uma questão muito interessante e algum dia teremos de trabalhar a sério sobre ela. É muito paradoxal o papel que cumpre a Extremadura neste processo das relações ibéricas porque quando vou para Barcelona, ou para a Galiza, no âmbito dos estudos ibéricos, com muita frequência costuma aparecer o nome da Extremadura como exemplo de relações com Portugal. E é muito curioso porque a Extremadura é uma comunidade muito pobre e, do ponto de vista cultural, com muitas deficiências, a Extremadura tem pouquíssimas editoras, tem um milhão de habitantes, não é, de facto, um polo de poder cultural, nada mais longe disso. Mas desempenha um papel muito importante nestas relações, penso que tem uma grande vantagem em relação a outros centros de poder e é exatamente o facto de ser uma espécie de irmã ou prima pobre de outras comunidades espanholas. Acho que esse facto faz com que a Extremadura não seja vista de Portugal como “a arrogante Castela, a soberba Castela”, a Extremadura é mais parecida ao Alentejo, as pessoas parecem mais afáveis, não existe a ameaça de algum imperialismo económico por parte da Extremadura e isto faz com que possa ser e deva ser, na minha opinião, um parceiro natural de Portugal. Fiquei entusiasmado, enquanto fazia o levantamento para a palestra que apresentei, por verificar que há um conjunto importantíssimo de autores, de tradutores, de editores do panorama não apenas extremeño, mas espanhol, que

são extrmenhos ou que têm a ver com a Extremadura. Digamos que isso faz com que esse fator diferencial da relação com Portugal seja hoje em dia uma espécie de circunstância sistémica na literatura da Extremadura. Realmente não vejo outra literatura regional em Espanha que esteja a olhar tanto para Portugal e em comunidades imensamente maiores do que a Extremadura e com muito mais possibilidades. Não vejo essa vocação de olhar para o oeste e penso que isso é fundamental, deve ser explorado e estudado. Já passaram várias décadas desde os anos oitenta, quando começou esta dinâmica, e chegou a altura de começarmos a fazer estudos sistemáticos sobre esta situação.

Luísa Leal: Falemos da fronteira. Como pessoa, vive entre dois países (refiro-me ao eu que propicia experiências vivenciais à poesia). Como estudioso, acaba de referir-se à fronteira como espaço privilegiado das relações literárias entre Portugal e Espanha. A fronteira também tem implicações na tradução, é o espaço em que pessoas que falam línguas diferentes devem entender-se...

Antonio Sáez Delgado: Eu diria que a palavra “fronteira” – se não fosse pelas tristes circunstâncias que estamos a viver hoje em dia à escala internacional –num âmbito mais local, na nossa fronteira, na Raia, é uma palavra que, do ponto de vista académico, científico ou até artístico, tem alguns privilégios. É uma palavra que tem algum potencial, é atrativa, é sexy, porque as pessoas sentem muita proximidade (no sentido de interesse) pela fronteira. Eu aprendi o que era a fronteira muito novo, porque ia com muita frequência com os meus pais a Portugal e lembro-me de uma vez em que passei o dia todo mesmo na fronteira porque a minha mãe se esqueceu do meu BI. Na altura, a família passou e eu e a minha mãe ficámos mesmo na fronteira física, fiquei num jardim que lá havia, a comer sandes e a passar o dia enquanto o resto da família ia, suponho, fazer compras. Lembro-me muito bem de ir procurar onde é que estava desenhada a raia, a linha da fronteira que nunca aparecia... Com a passagem do tempo, a Raia, a fronteira, para mim tornou-se numa coisa natural, mesmo com a diferença de fusos horários. Viver atravessando a fronteira é uma coisa que se faz com toda a naturalidade, quando a pessoa está habituada. No relógio de pulso tenho sempre a hora portuguesa e depois, no carro, tenho a hora espanhola (não me pergunte porquê). E nunca me engano, só me enganei uma vez em 27 anos, cheguei uma hora antes a um congresso; de resto, nunca me enganei. Até costumo dizer que tenho o estômago bilingue, quando estou em Portugal tenho fome ao meio dia, quando estou em Espanha tenho fome às duas e meia. Há qualquer

coisa na nossa cabeça, na nossa maneira de fazer, que vai à nossa frente e que explica as coisas sem palavras e realmente o que eu faço é aquilo que muitas pessoas fazem, viver num país e trabalhar noutra, passar meia semana em cada lado, ou entrar e sair de um país no mesmo dia. É exatamente a mesma coisa que sempre fizeram as pessoas que moram na Raia, de uma maneira completamente natural, sem grandes reflexões. Até arranjavam mulher, marido ou filhos do outro lado da Raia e conviviam perfeitamente com essa situação. Para mim, a fronteira basicamente é uma oportunidade e tenho plena consciência de que sou um privilegiado, de que vivo num espaço completamente privilegiado e de que as pessoas que moram neste território têm a vantagem de ter outro país aqui ao pé. Temos o estrangeiro, o cosmopolitismo aqui ao pé. Custa pouco dinheiro, porque não temos muito, mas felizmente não é caro, temos essa oportunidade e não a podemos perder.